

A Corporalidade Vestida como Vetor Comunicacional e Modo de Existência¹

Renata Pitombo Cidreira²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

A presente comunicação procura pensar o corpo na sua relação com a vestimenta enquanto vetor expressivo e os desdobramentos desse entrelaçamento na própria condição existencial. O percurso reflexivo buscará, inicialmente, circunscrever os contornos do *corpo próprio*, à luz do pensamento fenomenológico. Na sequência, pensaremos a aparência corporal como vetor comunicativo, focalizando na dimensão vestimentar. Para, por fim, compreender a estrutura triádica corpo, roupa e moda como meio da existência. Nosso arco teórico conceitual lança mão das contribuições de Merleau-Ponty, Simmel, McLuhan, Le Breton, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo próprio; Vestimenta; Comunicação; Moda; Existência.

Introdução

Na história do pensamento sobre o corpo, ele já foi esquecido, objetivado, reverenciado, punido e, mais recentemente, quase descartado. Talvez seja o momento de vivenciá-lo! Como sabemos, sobretudo a modernidade estabeleceu uma separação entre o corpo e a consciência, visualizando-o como um objeto, passível de divisões em várias partes ou órgãos que podem ser desmembrados e analisados, como o faz a ciência. Tal perspectiva objetivista do corpo é questionada pela fenomenologia, sobretudo a partir da obra de Maurice Merleau-Ponty (1994). Sua noção sobre o *corpo próprio* conduzirá nossa reflexão, para pensarmos sobre a dimensão comunicativa da roupa e da moda, na constituição identitária e nos modos de interação com o outro e com o mundo.

Corpo próprio

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Moda, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Professora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do CAHL-UFRB, com Pós-doutorados em Sociologia (ParisV/Sorbonne, 2011) e em Comunicação e Arte/Estudos da Cultura (UBI, 2021); e-mail: pitomboc@yahoo.com.br

A fenomenologia hermenêutica traz uma grande contribuição ao conceber o corpo como “sede da significação e dos processos simbólicos, como sede e verdadeiro meio da experiência” (Valverde, 2000, p. 44). É a partir dessa perspectiva que vamos pensar o corpo na sua relação com a aparência.

Sabemos que o corpo é uma forma misteriosa! Somos um corpo, logo ele nos constitui, é o que nos conforma. Nesse sentido, desejamos pensar o “corpo vivido” como nos convida Merleau-Ponty, numa perspectiva fenomenológica. O “corpo vivido” é sempre um corpo situado: nesse momento, nos reportamos a um dos elementos estruturantes da noção de *corpo próprio*, qual seja, o **perspectivismo**. Com nosso corpo percebemos o mundo através de perspectivas, pois não temos a capacidade de perceber de uma só vez todas as faces de um objeto, de uma paisagem, de alguém e até de nós mesmos. Toda vez que um objeto aparece ou se desloca, surge uma nova face do mesmo, e outras se escondem, num jogo instigante de ocultamento, antecipação e promessas de novas faces a serem percebidas. Como observa Merleau-Ponty, “se não tirasse minha roupa, nunca perceberia seu avesso” (2006, p. 134).

Outro aspecto interessante é que o sujeito não tem como prescindir do seu corpo. “Dizer que ele está sempre perto de mim, sempre aqui para mim, é dizer que ele nunca está verdadeiramente diante de mim, que não posso desdobrá-lo sob meu olhar” (2006, p. 134). Nesse sentido, não temos a capacidade de nos ausentarmos do nosso corpo e nem de manejá-lo e inspecioná-lo a partir de um exterior, pois ele *existe* conosco. Esta condição de permanência e presença primordial é o que Merleau-Ponty chama de **inseparabilidade ontológica**.

Nessa dinâmica da permanência, também observamos, juntamente com o autor, a importância da **ambiguidade** das sensações, uma vez que, como exemplifica Merleau-Ponty, há uma reversibilidade entre a mão que toca e a mão que é tocada, não sendo possível as duas exercerem a mesma função ao mesmo tempo. A mão que agora é tocante daqui a pouco pode ser tocada. Nessa mesma perspectiva, podemos compreender que há uma ambiguidade do corpo de um modo geral, uma vez que enquanto meio pelo qual percebemos o mundo, o corpo não é tangível nem visível, já que ele é também o que vê e toca os objetos. Ele é uma dimensão fronteira pela qual somos afetados e por meio da qual nos inscrevemos no mundo.

Também a **afetividade** vai desempenhar um papel fundamental para pensarmos o *corpo próprio*: Através da afetividade, a dinâmica corporal se manifesta na sua relação com os outros corpos e com o mundo. A afetividade, no sentido em que nós falamos de alguém que é sensível, nos faz ter acesso ao mundo. O sujeito da sensação, como descreve Merleau-Ponty, “é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele” (1994, p. 285). Essa dinâmica privilegiada do sentir administra a adesão ou recusa do corpo vivido em relação aos objetos e em relação as pessoas com que se depara. Existe uma interação que passa pelo afeto que faz com que certas experiências perceptivas sejam absorvidas e integrem o nosso cenário existencial. Os sentidos comunicam-se entre si e abrem à estrutura da coisa.

A forma de uma prega em um tecido de linho ou de algodão nos faz ver a flexibilidade ou a secura da fibra, a frieza ou o calor do tecido. Enfim, o movimento dos objetos visíveis não é o simples deslocamento das manchas de cor que lhes correspondem no campo visual. (Merleau-Ponty, 1994, p. 309).

Outro aspecto que não podemos deixar de mencionar é que o corpo é sempre instituído e, enquanto tal, é um corpo simbólico, um corpo cultural. Não podemos separar a nossa experiência, via nosso corpo, dos padrões nos quais a cultura se reconhece, cultura esta na qual estamos inseridos. Logo, as possibilidades e restrições que se estabelecem para o meu agir corporal são culturais, partilhadas por muitos, e, diversamente do que podemos imaginar, não são necessariamente apenas pessoais. Nesse sentido, o corpo é parte integrante desse caldo cultural e sua instituição simbólica é, ao mesmo tempo, instituição de sua identidade e, correlativamente, instituição da identidade dos sujeitos.

Aparência corporal como meio de expressão

Como já desenvolvemos em outro momento³, muito já se comentou sobre a importância do vestuário e da moda enquanto instâncias que expressam, revelam uma certa condição humana, circunscrita socialmente. A antropologia e a sociologia contribuíram significativamente para a apreensão dos aspectos sociais e identitários engendrados nas escolhas e adoções vestimentares, observando mais atentamente, em alguns casos, a dimensão comunicativa da roupa e da moda, na relação dialógica com o *corpo próprio* e com os outros corpos. Destacamos brevemente as abordagens de dois sociólogos, um alemão e um canadense: Georg Simmel (2008) e Marshall McLuhan

³ Ver em **Os sentidos da moda** (2005) e **As formas da moda** (2013).



(1964, 1971), sendo que este último é bastante conhecido pelas suas contribuições no campo comunicacional. Além deles, acionamos as reflexões de David Le Breton (1999), num viés mais socioantropológico para pensar o corpo na relação com a aparência.

Através das contribuições de Simmel e McLuhan sobre a relação entre o corpo e a roupa, inferimos que o vestuário enquanto mídia possui um potencial configurador e definidor das possibilidades sensorio-motoras do homem e que este corpo que poderia ser pensado como algo estático, definido identitariamente, é submetido a transformações múltiplas, através, inclusive, do simples ato de vestir ou adornar. Através do meu esquema corporal, atravessado pelo vestir e pelo ornamento, efetua-se uma atualização do fenômeno da expressão do meu ser.

Numa abordagem socioantropológica, David Le Breton procura desvendar os mistérios do corpo vivido enquanto forma modulável, artefato da presença, implicado numa certa performance de si que alimenta a necessidade de criação de uma identidade mais favorável ao olhar do outro. Na visão do autor, o corpo é submetido, em meados para final do século XX, a um investimento intenso na busca de uma reapropriação da existência através da aparência. As mais diversas manipulações corporais se potencializam numa dinâmica de redesenho das formas corporais, incluindo exercícios físicos, dietas, interferências na pele (como tatuagens, por exemplo), passando por procedimentos mais invasivos como as cirurgias estéticas. Nessa ambiência de estetização pessoal, a vestimenta e os acessórios ocupam um espaço privilegiado, uma vez que se apresentam como uma segunda pele.

O autor ainda ressalta que a ideia que se tem é que mudando o corpo, se muda a própria vida. E, nesse sentido, a aparência corporal dá conta de uma estética da presença.

Corpo como meio da existência

Também na filosofia, sobretudo na tradição fenomenológica, vamos encontrar argumentos para a compreensão da moda, essa extensão da pele, essa extensão do corpo, como comunicação e meio de existência. Na obra de Maurice Merleau-Ponty, especialmente na **Fenomenologia da percepção** (1994), como já vimos, o corpo é visto como a sede da percepção e o modo pelo qual temos acesso a experiência. O corpo é uma unicidade expressiva, implícita e confusa. A experiência do *corpo próprio* é em si mesma ambígua, pois o, corpo é sempre outra coisa que aquilo que ele é, nunca fechado em si

mesmo e nunca ultrapassado. “Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, (...). É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’” (1994, p.252-253). Ainda nas palavras de Merleau-Ponty, o nosso corpo próprio é “o veículo do ser no mundo” (1994, p. 122). Ele procura mostrar, assim, que o mecanismo pelo qual atribuímos sentido às coisas não é posterior e exterior à via corporal, carnal e comportamental, pela qual temos acesso a elas.

Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos (1994, p. 199).

Quando pensamos a moda como expressão dos modos de aparecer do indivíduo, percebemos que ela sustenta nas suas “operações expressivas” modulações comportamentais, ou seja, corporais, que presentificam as relações do indivíduo com o mundo e sua atividade comunicativa com os outros. E o *corpo próprio* e sua expressão, aqui manifesta na relação com a composição da aparência, permitem ao homem praticar a sua potência de transcendência, deslocando-se em direção a uma nova conduta, em direção aos outros e em direção a novas experiências.

O curioso é que ainda que este ato de expressão já se circunscreva num certo mundo cultural, em que certos valores e condutas sejam pressupostos, ele tem sempre a possibilidade de, a partir deles, transcendê-los, como observa Merleau-Ponty: “apoia-se nelas, assim como numa onda, ajunta-se e retoma-se para projetar-se para além de si mesmo” (1994, p. 267). Compreende-se, assim, que a expressão em suas múltiplas manifestações, estabelece um vínculo entre o indivíduo que se exprime e o outro a quem se dirige o ato de expressão. Temos aqui um elo comunicativo primordial, no sentido de estar-junto. A partir dessa perspectiva, pode-se pensar que a expressão dos modos de aparecer através da moda institui um dos primeiros vínculos entre os homens aculturados. Há aí uma comunicabilidade entre corpos que, certamente, intensifica-se entre os jogos de imagens corporais que visualizamos na contemporaneidade.

Considerações Finais

Diante desse percurso, intentamos compreender a potência da vestimenta na sua relação com o esquema corporal e a nossa existência. Arriscamos dizer, incorporando as palavras de Emanuele Coccia (2010), que viver significa esculpir nossa aparência e que é através dela que temos a possibilidade de delinear quem somos. A primeira pele, o

corpo, e a segunda pele, a vestimenta, tornam-se uma única configuração a ser vista. Assim, a forma de um vivente, sua aparência, é uma força expressiva que nos faz modular a nossa existência para nós mesmos e também para os outros.

A moda, portanto, permite-nos aparecer de formas diferentes, nos impedindo de nos afirmarmos apenas de um único modo. Potencializa, assim, a ideia merleau-pontyana de que o nosso corpo é sempre outra coisa que aquilo que ele é, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado, mas sempre aberto a novas possibilidades de si. Ao celebrar o mistério da proficiência corporal espontânea, Merleau-Ponty (1994) restaura a importância do corpo como meio de existência, sempre passível de transformações e superações, por isso mesmo jamais revelado integralmente. E, nessa perspectiva, o corpo vestido também manifesta esse “lugar em que a vida se esconde” e que permite, ao mesmo tempo, nos fecharmos para o mundo, mas também nos abriremos para ele, nos colocando sempre em situação. O que talvez a moda exiba de forma mais radical é justamente a possibilidade que temos de nos apercebemos, de nos darmos conta da presença de si para si, ressaltando o esquema corporal como um *locus* ambíguo, mas necessário para a performance existencial contemporânea.

REFERÊNCIAS

- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **As formas da moda**. São Paulo: Annablume, 2013.
- COCCIA, Emanuele. **La vie sensible**. Traduit de l’italien par Martin Rueff. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2010.
- LE BRETON, David. **L’Adieu au corps**. Paris: Éditions Métailié, 1999.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1964.
- McLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. **Guerra e Paz na Aldeia Global**. Tradução de Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1971.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Estrutura do comportamento**. Tradução de Márcia Valéria Martinez. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lta, 2008.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Campinas/SP - 15 a 17/05/2025

VALVERDE, Monclar. Corpo e Sensibilidade In **O Corpo ainda é pouco**. CABEDA, Sonia T. Lisboa; CARNEIRO, Nadia Virgínia; Laranjeira, Denise Helena (Orgs.). Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000, p. 43-51.